

CLÁSSICOS CRISTÃOS

editora

ESPERANÇA
para uma vida
melhor

Dietrich
BONHOEFFER

ORANDO
com os
SALMOS



Dietrich
BONHOEFFER
ORANDO
com os
SALMOS

Inclui uma breve biografia

1ª edição

Tradução: Martin Weingaertner e Doris Körber

Curitiba/PR

2017



ESPERANÇA
para uma vida
melhor

Dietrich Bonhoeffer

ORANDO COM OS SALMOS

Coordenação editorial: Claudio Beckert Jr.

Tradução: Martin Weingaertner e Doris Körber

Revisão: Josiane Zanon Moreschi

Edição: Sandro Bier

Editoração eletrônica: Josiane Zanon Moreschi

Capa: Sandro Bier

© Brunnen Verlag GmbH

Dietrich Bonhoeffer, Die Psalmen. Das Gebetbuch der Bibel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bonhoeffer, Dietrich

Orando com os salmos : inclui uma breve biografia / Dietrich Bonhoeffer; Tradução de Martin Weingaertner e Doris Körber. - Curitiba, PR : Editora Esperança, 2017.

Título original: Die psalmen: das gebetbuch der bibel

ISBN 978-85-7839-183-6

1. Oração - Ensino bíblico 2. Oração pessoal - Experiência cristã 3. Bíblia - Salmos - Orações I. Título II. Bonhoeffer, Dietrich

O texto bíblico utilizado neste livro é o da versão Almeida Revista e Atualizada, 1988, 1993 da Sociedade Bíblica do Brasil exceto quando outra versão for indicada.

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução total e parcial sem permissão escrita dos editores.

Editora Evangélica Esperança

Rua Aviador Vicente Wolski, 353

CEP 82510-420 - Curitiba - PR

Fone: (41) 3022-3390

comercial@editoraesperanca.com.br

www.editoraesperanca.com.br



Sumário



[Sobre o livro](#)

[Prefácio](#)

[Prefácio para a edição brasileira](#)

[Salmo 1](#)

[“Senhor; ensina-nos a orar!”](#)

[Orar em nome de Jesus](#)

[Quem ora os Salmos?](#)

[Nome, música, poesia](#)

[O culto e os Salmos](#)

[Temas](#)

[Salmo 8](#)

[A criação](#)

[A Lei](#)

[A história da salvação](#)

[Salmo 22](#)

[O Messias](#)

[A Igreja](#)

[A vida](#)

[O sofrimento](#)

[Salmo 51](#)

[A Culpa](#)

[Salmo 73](#)

[Os inimigos](#)

[O fim](#)

[Oração pelo Espírito da vida](#)

[Salmo 103](#)

[A bênção da oração matinal](#)

[A vida e a obra de Dietrich Bonhoeffer](#)

[A família](#)

[Na universidade](#)

[Na Igreja Confessante](#)

[Entre conspiradores](#)

[Na prisão](#)

[O fim](#)

Sobre o livro



Estamos muito felizes por poder publicar a presente edição do livro *Orando com os Salmos*, de Dietrich Bonhoeffer. Com gratidão, registramos que muitas pessoas ao longo das últimas décadas procuraram e leram essa pequena obra, não apenas na Alemanha, mas em muitos outros países de perto e de longe. Assim, a editora MBK-Verlag deseja dar um lugar de destaque especial a este livro.

O texto de vários Salmos alterna-se aqui com os escritos de Bonhoeffer. O autor refere-se a eles direta ou indiretamente. Pensamos que combina perfeitamente com o espírito desta obra se nós, durante a leitura, fizermos pausas para estudar os Salmos em si e fazer deles nossas próprias orações.

Também somos muito gratos pelo prefácio escrito pelo professor Dr. Eberhard Bethge.

Hartmut Barend

Prefácio



Esta já é a 14^a edição do livro *Orando com os Salmos*, de Dietrich Bonhoeffer.¹ Isso desperta algumas memórias; especialmente de como escolhemos a imagem do cantor Davi, que descobrimos certo dia e então tivemos que usar, por insistência do próprio Bonhoeffer.

Infelizmente, faltam-nos não apenas o manuscrito original, mas também a correspondência trocada a respeito da produção deste livro. Durante um bom tempo, Bonhoeffer dedicara atenção especial aos Salmos – não apenas à sua utilização prática em devocionais e meditações no seminário de Finkenwald e depois nos pastorados coletivos na Pomerânia (Köslin, Groß-Schlönwitz e Sigurdshof), mas também ao seu significado teológico-exegético para nós. Já no verão de 1935 ele palestrou-nos a respeito de “Cristo nos Salmos” (GS III 294ss); depois vieram os estudos bíblicos sobre o rei Davi e a construção do muro, que não seguiam a alta crítica² a que estávamos acostumados, mas davam mais importância à fatualidade do cânone do que à história do surgimento dos textos. As notícias sobre isso se espalharam. Então a editora MBK-Verlag convidou-o, em 1939, a escrever sobre os Salmos na série *Hinein in die Schrift* (Mergulhando nas Escrituras), e Bonhoeffer aceitou a tarefa com alegria. Assim, esse livro tornou-se, de fato, o último de seus escritos que Dietrich Bonhoeffer viu publicado antes de ser proibido de divulgar novas obras, em 1941.

Incluimos a ilustração de Davi, não apenas porque Bonhoeffer amava

essa escultura da catedral de Worms, que retrata um Davi tocando harpa e salmodiando. Ela também contribui para resgatar seu papel para o cristão que ora com os salmos, função que havia desaparecido sob a alta crítica. Para ele, o processo de formação daquelas antigas poesias importava bem menos do que a continuidade das experiências de salvação dos filhos de Deus nelas refletidas e sua ligação com a expectativa do Cristo e de suas promessas.

Eberhard Bethge



¹ Informação da época em que foi escrito este prefácio. Hoje o livro já está na 19ª edição na Alemanha. (N. de Revisão)

² Em exegese, “Alta crítica” é o nome dado aos estudos críticos da Bíblia. Sua abordagem trata a Bíblia como literatura, utilizando-se do aparato crítico normalmente aplicado a textos literários semelhantes. (N. de Revisão)

Prefácio

para a edição brasileira



O filme *Bonhoeffer – O Agente da Graça*, dirigido por Eric Till (2000), retrata o engajamento do pastor e teólogo luterano na resistência alemã contra o regime nazista, no qual percebeu que “o grande disfarce do maligno confundiu todos os conceitos éticos. Que (nele) o mal se apresentava como luz, como ação benéfica, como necessidade histórica, como justiça social...”. Por isso, Dietrich Bonhoeffer sentiu-se chamado “pela fé e dependente unicamente de Deus à ação obediente e responsável” de resistir à tirania de Hitler, mesmo sabendo que, ao fazê-lo, “se tornaria pecador carente do perdão e do consolo de Deus”.³

Depois do fracasso do atentado contra Hitler, em 20 de julho de 1944, o envolvimento na conspiração de Dietrich de seu irmão Klaus, bem como de dois cunhados, Hans von Dohnanyi e Rüdiger Schleicher, veio à tona. Todos foram executados em abril de 1945, no final da Segunda Guerra Mundial, poucos dias antes do colapso do regime nazista.

Para possibilitar ao leitor uma melhor compreensão do contexto da época, a presente edição traz uma breve síntese biográfica de Bonhoeffer escrita pelo amigo e biógrafo Eberhard Bethge.

Dietrich Bonhoeffer é conhecido por seu engajamento político. Poucos, no entanto, sabem que ele foi um homem de oração. Isso, porém, não passou despercebido ao médico do campo de concentração,

que descreveu o que presenciou no dia em que o prisioneiro foi executado, 9 de abril de 1945:

Naquela madrugada, por uma porta entreaberta, vi o pastor Bonhoeffer ajoelhado diante do seu Deus. A maneira submissa e confiante da oração daquele homem extraordinariamente simpático abalou-me profundamente. Antes da execução, ele ainda fez uma breve oração. Depois subiu para a forca com coragem e serenidade. A morte ocorreu em poucos segundos. Nos quase 50 anos de exercício da medicina jamais vi um homem morrer em tal submissão a Deus.⁴

No presente livro, Bonhoeffer compartilha seu aprendizado com os Salmos, animando-nos a orá-los. Experimentei pessoalmente a força e a profundidade de suas palavras, quando, em 1994, convalescia de uma delicada cirurgia. Na nossa meditação diária, minha esposa leu os breves capítulos desta reflexão. Em gratidão a Deus, decidi traduzi-la para proporcionar ao leitor brasileiro o conhecimento deste precioso tesouro, que nos dá um acesso inspirador ao saltério e que complementa o que Bonhoeffer escreve no livro *Discipulado*.⁵

Que Deus use esse testemunho de um mártir do século 20 para fazer o leitor do século 21 crescer na vida de oração pessoal e comunitária.

Martin Weingaertner

³ Widerstand und Ergebung, 1970, 125s.

⁴ Bethge, E. *Dietrich Bonhoeffer, Theologe – Christ – Zeitgenosse*, 1967, p. 1038.

⁵ Sinodal, 2013.

Salmo 1



אֲשֶׁר־יֵהְיֶה אִישׁ אֲשֶׁר | לֹא הָלַךְ בִּעֲצַת רְשָׁעִים

1 Bem-aventurado o homem

*que não anda no conselho dos ímpios,
não se detém no caminho dos pecadores,
nem se assenta na roda dos escarnecedores.*

*2 Pelo contrário, o seu prazer está na lei do SENHOR,
e na sua lei medita de dia e de noite.*

*3 Ele é como árvore plantada junto a uma corrente de águas,
que, no devido tempo, dá o seu fruto,
e cuja folhagem não murcha;
e tudo quanto ele faz será bem-sucedido.*

*4 Os ímpios não são assim;
são, porém, como a palha que o vento dispersa.*

*5 Por isso, os ímpios não prevalecerão no juízo,
nem os pecadores, na congregação dos justos.*

*6 Pois o SENHOR conhece o caminho dos justos,
mas o caminho dos ímpios perecerá.*

“Senhor; ensina-nos a orar!”

Assim clamam os discípulos. Admitem que, por si mesmos, não conseguem orar. Precisam aprender. Aprender a orar: isto, para nós, parece algo contraditório. Costumamos dizer que, ou o coração transborda e começa a orar por si mesmo, ou ele jamais aprenderá. Dizer que o coração é capaz de orar por natureza é, no entanto, um equívoco perigoso, se bem que amplamente difundido na cristandade de hoje. Neste caso nós confundimos desejar, esperar, suspirar, lamentar ou jubilar – de tudo isso o nosso coração é capaz – com orar. Confundimos a terra com o céu, o ser humano com Deus. Orar não significa simplesmente derramar o coração, mas encontrar, com o coração saturado ou vazio, o caminho para junto de Deus, e falar com ele. Disso, porém, homem algum é capaz. Para poder fazê-lo necessitamos de Jesus Cristo.

Os discípulos querem orar, mas não sabem como fazê-lo. Que angústia imensa é querer falar com Deus e não poder, ter que silenciar diante de Deus! Que angústia imensa é perceber que todo clamor apenas ecoa no próprio eu, que nosso coração e nossa boca falam a linguagem errada, que Deus não quer ouvir! Neste desespero, procuramos pessoas que possam nos ajudar, pessoas que saibam orar. Se pelo menos pudéssemos orar com alguém que já soubesse como fazer isso, alguém que nos inserisse em sua oração, estaríamos a salvo!

Certamente cristãos experientes podem nos ajudar bastante nesta questão; mas eles também só podem fazê-lo através daquele de cuja ajuda eles mesmos dependem. Se forem verdadeiros mestres na oração, eles nos encaminharão a Jesus Cristo. Se Jesus nos inserir na sua oração, se pudermos orar com ele, se ele nos levar consigo em seu caminho para junto de Deus e nos ensinar a orar, então estaremos a salvo da angustiante incapacidade de orar. É exatamente isso que Jesus

Cristo quer fazer. Ele quer orar conosco. Somos inseridos na sua oração e, por isso, podemos confiar e nos alegrar em saber que Deus nos ouve. Se nossa vontade e todo o nosso coração, forem inseridos na oração de Cristo, então oramos bem. Somente em Jesus Cristo podemos orar e, com ele, também seremos ouvidos.

Portanto, precisamos aprender a orar. Uma criança aprende a falar porque seu pai fala com ela. Ela aprende a falar a língua paterna. Assim também nós aprendemos a falar com Deus, porque ele falou e fala conosco. Pela palavra do Pai no céu seus filhos aprendem a comunicar-se com ele. Ao repetir as próprias palavras de Deus, começamos a orar a ele. Não oramos com a linguagem errada e confusa do nosso coração, mas, pela palavra clara e pura que Deus falou a nós por meio de Jesus Cristo, devemos falar com Deus, e ele nos ouvirá.

Nas Sagradas Escrituras encontramos o que Deus falou em Jesus Cristo. Se quisermos orar com certeza e alegria, então a Palavra das Sagradas Escrituras deverá ser o fundamento sólido da nossa oração. Aqui, isto é, na Escritura, sabemos que Jesus Cristo, o Verbo de Deus, nos ensina a orar. As palavras que procedem de Deus serão os degraus que nos fazem chegar até ele.

Orar em nome de Jesus

Nas Sagradas Escrituras existe um livro que se distingue de todos os outros da Bíblia pelo fato de conter apenas orações. Trata-se dos Salmos. À primeira vista, é deveras admirável encontrarmos um livro de orações na Bíblia. Afinal, as Sagradas Escrituras são Palavra de Deus dirigida a nós. Orações, no entanto, são palavras humanas. Como elas podem constar na Bíblia? Não nos deixemos confundir: também nos

Salmos a Bíblia é Palavra de Deus. Então as orações dirigidas a Deus seriam Palavra do próprio Deus? Isso nos parece difícil de compreender. Nós só entenderemos se considerarmos que a única maneira de aprender a orar é orando com Jesus Cristo. A verdadeira oração é, portanto, a Palavra do Filho de Deus, que vive conosco, dirigida a Deus, o Pai, na eternidade. Jesus Cristo levou toda aflição, toda alegria, toda gratidão e toda esperança da humanidade a Deus. Em sua boca a palavra humana torna-se Palavra de Deus e, se orarmos com ele a sua oração, a Palavra de Deus volta a ser palavra humana. Assim, todas as orações da Bíblia nós oramos juntamente com Jesus. Ele nos inclui nestas orações e nos leva à presença de Deus. Caso contrário, não serão orações legítimas, pois somente em Jesus Cristo e com ele podemos orar de verdade.

Se, pois, quisermos ler e orar as orações da Bíblia, especialmente os Salmos, não devemos começar indagando o que elas têm a ver conosco, mas perguntar o que elas têm a ver com Jesus Cristo. Devemos investigar como podemos compreender os Salmos como sendo Palavra de Deus. Somente então poderemos orá-los. Portanto, não importa que os Salmos expressem justamente o que sentimos no nosso coração agora. Se quisermos orar de verdade, talvez seja necessário orarmos contra o nosso próprio coração. Pois não importa o que nós desejamos orar neste momento, mas aquilo pelo qual Deus quer ser invocado por nós. Se dependêssemos unicamente de nós mesmos, com certeza acabaríamos reduzindo muitas vezes o Pai Nosso à quarta prece, ao pedido pelo “pão nosso de cada dia”. Mas a vontade de Deus é outra. Nossa oração deve ser determinada pela riqueza da Palavra de Deus, jamais pela pobreza do nosso coração.

Portanto, se a Bíblia também contém um livro de orações, isso nos

ensina que a Palavra de Deus não engloba apenas a palavra que Deus dirige a nós. Inclui também a que ele quer ouvir de nós, por ser Palavra do seu amado Filho. Que graça imensurável: Deus nos diz como podemos falar e ter comunhão com ele! E nós podemos fazê-lo orando em nome de Jesus Cristo. Os Salmos nos foram dados para que aprendamos a orar em nome de Jesus Cristo.

Jesus atendeu ao pedido dos discípulos e lhes ensinou o Pai Nosso. Nele está contida toda e qualquer oração dos cristãos. O que estiver contido no Pai Nosso é verdadeira oração. O que não encontra espaço nele, não é oração. Todas as orações da Bíblia estão resumidas no Pai Nosso. Sua amplitude infinita abrange todas elas. No entanto, o Pai Nosso não torna as orações da Bíblia supérfluas, elas são a riqueza inesgotável do Pai Nosso e o Pai Nosso é sua coroa e síntese. Lutero diz: o Saltério “está voltado para o Pai Nosso e o Pai Nosso, por sua vez, está voltado para ele, de modo que se pode compreender e sintonizar alegremente um a partir do outro”. Assim, o Pai Nosso se torna o gabarito pelo qual conferimos se estamos orando em nome de Jesus ou em nosso próprio nome. Por isso a edição do Novo Testamento com Salmos tem boa razão de ser. O Saltério é a oração da comunidade de Jesus Cristo; ele deve acompanhar o Pai Nosso.

Quem ora os Salmos?

Dos 150 Salmos, 73 são atribuídos ao rei Davi, 12 a Asafe, músico contratado por Davi; 12 à família Coré, cantores levitas da época de Davi. Dois Salmos são atribuídos a Salomão e um aos maestros Henã e Etã. Assim, é compreensível que o nome de Davi esteja relacionado de modo especial com o Saltério.

Sobre Davi nos é relatado que, após ser ungido em secreto, ele foi chamado ao rei Saul, que fora rejeitado por Deus e atormentado por um demônio, para tocar harpa na sua presença. *E sucedia que, quando o espírito maligno, da parte de Deus, vinha sobre Saul, Davi tomava a harpa e a dedilhava; então, Saul sentia alívio e se achava melhor, e o espírito maligno se retirava dele* (1Sm 16.23). Esse pode ter sido o início do salmodiar de Davi. Na força do Espírito de Deus, que havia se apoderado dele ao ser ungido para ser rei, ele afugentava o espírito maligno por meio de seu canto. Não nos foi preservado nenhum salmo anterior à unção. Somente depois de convocado para ser rei messiânico, Davi – pai do prometido rei Jesus Cristo – oraria as canções que seriam acolhidas posteriormente nas Sagradas Escrituras.

Segundo o testemunho da Bíblia, Davi, o rei ungido do povo eleito de Deus, prefigura Jesus Cristo. O que lhe sucedeu foi por causa daquele que estava nele e que descenderia dele, Jesus Cristo. Isso não lhe era segredo. *Sendo, pois, profeta e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono, prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo...* (At 2.30s.). Davi foi uma testemunha de Cristo em seu ministério, em sua vida, em suas palavras. O Novo Testamento diz ainda mais. Através dos Salmos, Davi já fala do Cristo prometido (Hb 2.12; 10.5) ou, como também é dito, o Espírito Santo (Hb 3.7). Portanto, as mesmas palavras de Davi são palavras do Messias vindouro. As orações de Davi foram oradas com Cristo ou, melhor, Cristo mesmo as orou através daquele que o precedeu.

Esta breve observação do Novo Testamento ilumina todo o Saltério de maneira especial. Ela o relaciona a Jesus Cristo. Veremos posteriormente, em detalhes, como isso deve ser compreendido. O que importa aqui é percebermos que Davi não orava apenas a partir da

abundância de seu coração, mas a partir do Cristo que habitava nele. O autor dos Salmos não perde sua identidade, mas nele e com ele permanece Cristo.

As palavras derradeiras do idoso Davi o pronunciavam de maneira enigmática: *“Palavras de Davi, filho de Jessé; palavras do homem que foi exaltado, do ungido pelo Deus de Jacó, do cantor dos cânticos de Israel: O Espírito do SENHOR falou por meu intermédio; sua palavra esteve em minha língua.”* Depois Davi faz sua última profecia referente ao vindouro rei da justiça (2 Samuel 23.1ss).

Assim somos reconduzidos à descoberta que já havíamos feito anteriormente. Com certeza nem todos os Salmos são de Davi; e não encontramos no Novo Testamento passagem alguma que interprete todo o Saltério como sendo Palavra de Cristo. Ainda assim, devemos considerar a importância das alusões mencionadas para todo o Saltério, que está decisivamente vinculado ao nome de Davi. E, quanto aos Salmos como um todo, o próprio Jesus diz que eles proclamam sua morte, sua ressurreição e a pregação do Evangelho (Lc 24.44-47).

Como é possível que uma pessoa e Jesus Cristo orem o Saltério simultaneamente? O Filho de Deus se tornou homem e suportou na sua própria carne toda a fragilidade humana. Aqui ele derrama o coração de toda a humanidade diante de Deus.

Ele assumiu o nosso lugar e intercede por nós. Jesus conheceu os tormentos e a dor, a culpa e a morte em maior profundidade do que nós. Por isso, ele eleva a Deus a oração da natureza humana que assumiu. É realmente nossa oração. Mas, como Jesus nos conhece melhor do que nós mesmos (já que ele mesmo foi verdadeiro homem em nosso favor), a oração também é realmente sua, e só pode tornar-se nossa porque foi sua.

Quem ora o Saltério? Davi (Salomão, Asafe, etc.) ora, Cristo ora, nós oramos. Nós somos, em primeiro lugar, toda a comunidade. Apenas nela poderá ser orada toda a riqueza do Saltério. Em segundo, também cada indivíduo ora os Salmos, já que é participante de Cristo e de sua comunidade e ora com ela. Davi, Cristo, a comunidade e eu mesmo, quando ponderamos isso em conjunto, reconhecemos o maravilhoso caminho que Deus trilha para nos ensinar a orar.

Nome, música, poesia

O título hebraico do Saltério significa “cânticos”. No Salmo 72.20, todos os precedentes são denominados “orações de Davi”. Ambos são surpreendentes, mas compreensíveis. À primeira vista, o Saltério não contém exclusivamente cânticos, nem exclusivamente orações. Apesar disso, também as poesias didáticas e as lamentações são, a rigor, cânticos, pois louvam a majestade de Deus. Mesmo os Salmos que não contêm uma invocação a Deus (p. ex. 1, 2, 78) podem ser chamados de orações, pois se prestam à meditação dos pensamentos e da vontade de Deus. “Saltério”, originalmente, era um instrumento musical, só depois passou a designar a coletânea de orações que foram ofertadas a Deus como cânticos.

Tal como nos são transmitidos hoje, os Salmos, em grande parte, destinavam-se ao uso no culto. Vozes humanas e instrumentos de todos os tipos cooperavam em sua apresentação musical. Novamente a música litúrgica propriamente dita remonta a Davi. Como outrora o tanger da harpa afastara o espírito maligno, assim a música santa e cúltica tem poder real. Vez ou outra ela é designada com a mesma palavra usada para descrever a proclamação profética (1Cr 25.1).

Muitos dos complicados subtítulos dos Salmos são instruções para os músicos. Da mesma maneira, o frequente “selá”⁶ no meio de um salmo parece indicar uma intercalação musical. “O *selá* indica que devemos parar quietos e meditar aplicadamente nas palavras do Salmo. Elas requerem uma alma serena e aquietada, que compreenda e abrace o que o Espírito Santo manifesta e coloca diante dela” (Lutero).

Certamente os Salmos eram cantados em responsório. A forma da sua poesia era apropriada para isso, uma vez que ela expressa, a cada dois versos, essencialmente o mesmo pensamento, com palavras diversas. Este paralelismo não é casual, mas convoca-nos a não interrompermos a oração, a orarmos em conjunto. Estamos acostumados a orar apressados. Assim, o que nos parece repetição desnecessária é, na verdade, real aprofundamento e concentração na oração. Além disso, ela sinaliza que muitos, aliás, que todos os cristãos oram a mesma coisa com palavras diferentes. Assim a forma poética nos convoca especialmente a orarmos os Salmos em conjunto.

O culto e os Salmos

Em muitas igrejas, cantam-se ou leem-se Salmos a cada domingo ou até diariamente. Essas igrejas preservaram uma riqueza imensurável, pois somente pelo uso diário penetramos nesse livro divino de oração. Para o leitor ocasional, suas orações são fortes demais em seus pensamentos e sua força, de modo que voltamos a procurar alimento mais leve. Quem, no entanto, começou a orar o Saltério com seriedade e regularidade, logo dispensará as próprias orações superficiais e piedosas dizendo: “Elas não têm o sabor, a força, a paixão e o fogo que encontro no Saltério. São muito frias e rígidas” (Lutero).

Se em nossas igrejas já não oramos os Salmos, devemos incluí-los com mais frequência em nossas meditações matutinas e vespertinas, lendo vários Salmos diariamente e, de preferência, em conjunto, a fim de lermos este livro diversas vezes ao ano, penetrando nele com mais profundidade. Não devemos selecionar arbitrariamente alguns Salmos. Ao fazer isso, estamos desonrando o livro de orações da Bíblia, julgando saber melhor do que o próprio Deus o que devemos orar. Na igreja antiga não era incomum saber “o Davi todo” de cor. Nas igrejas orientais esta era uma condição para o exercício de um cargo eclesiástico. Jerônimo, um dos pais da igreja, conta que, na sua época, ouvia-se o cântico de Salmos nas lavouras e nos quintais. O Saltério marcava a vida da jovem cristandade. Mais importante do que isso, no entanto, é que Jesus Cristo morreu na cruz com palavras dos Salmos em seus lábios.

Ao esquecer-se do Saltério, a cristandade perde um tesouro inigualável. Ao recuperá-lo, será presenteada com forças jamais imaginadas.

Temas

Queremos dividir os assuntos abordados na oração dos Salmos da seguinte maneira: a criação; a lei; a história da salvação; o Messias; a igreja; a vida; o sofrimento; a culpa; os inimigos e o fim. Não seria difícil relacionar todas essas partes ao Pai Nosso e mostrar, assim como o Saltério todo é abrangido pela oração de Jesus. Mas, para não anteciparmos o resultado da nossa meditação, trataremos dos Salmos seguindo sua própria divisão temática.

⁶ Nas traduções bíblicas em português esse termo aparece apenas na versão Almeida Revista e Corrigida (Selá). Na versão NVI foi substituído por [Pausa]. Nas demais, foi suprimido. (N. de Revisão)

Salmo 8



לְמִנְצַח עַל־הַגִּתִּית מִזְמוֹר לְדָוִד:

- 1 Ó SENHOR, Senhor nosso,
como é magnífico o teu nome em toda a terra!
Pois puseste nos céus a tua majestade.
- 2 Da boca de pequeninos e crianças de peito
suscitaste força, por causa dos teus adversários,
para fazeres emudecer o inimigo e o vingador.
- 3 Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos,
e a lua e as estrelas que estabeleceste,
- 4 que é o homem, para que dele te lembres?
E o filho do homem, para que o visites?
- 5 Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus
e de glória e de honra o coroaste.
- 6 Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão
e sob seus pés tudo lhe puseste:
- 7 ovelhas e bois, todos,
e também os animais do campo;
- 8 as aves do céu, os peixes do mar
e tudo o que percorre os caminhos dos mares.

9 Ó SENHOR, Senhor nosso,
como é magnífico o teu nome em toda a terra!

A criação

A Escritura proclama Deus como Criador do céu e da terra. Muitos Salmos convocam-nos a prestar-lhe honra, louvor e gratidão. Não existe, no entanto, um único que fale unicamente da criação. Eles sempre se referem ao Deus que já se revelou ao seu povo através de sua Palavra. Ele deve ser reconhecido como Criador do mundo. Porque Deus falou a nós, porque seu nome nos foi revelado, nós podemos crer nele como Criador. Do contrário, jamais o conheceríamos. A criação retrata o poder e a fidelidade que Deus demonstrou a nós na revelação de Jesus Cristo. Adoramos o Criador, que se revelou a nós como Redentor.

O Salmo 8 engrandece o nome de Deus e seu agir gracioso em prol do ser humano, que é descrito como coroa da criação. Essa conclusão não resulta da criação, mas do Criador. O Salmo 19 não consegue falar do majestoso curso das estrelas sem lembrar, de modo abrupto e inesperado, da majestade muito maior da revelação da lei, e sem nos chamar ao arrependimento. O Salmo 29 nos leva a admirar o tremendo poder de Deus na tempestade. O objetivo desse poder, contudo, é a bênção e a paz com que Deus presenteia seu povo. O Salmo 104 enfoca a imensidão das obras divinas e, ao mesmo tempo, diz que estas são nada diante daquele cuja honra subsistirá para sempre e que, por fim, aniquilará os pecadores.

Os Salmos que tratam da criação não são poesias líricas. Pelo contrário, induzem o povo de Deus a encontrar e a honrar o Criador do

mundo na salvação graciosa que experimentaram. A criação está a serviço do cristão e toda a criação de Deus é boa, se for recebida com gratidão (1Tm 4.3s). No entanto, só podemos agradecer por aquilo que está em sintonia com a revelação de Deus em Jesus Cristo. A criação e todas as suas obras existem por causa de Jesus Cristo. Assim, agradecemos a Deus pela majestade da criação com, em e por intermédio de Jesus Cristo, a quem pertencemos.

A Lei

Os três Salmos (1, 19 e 119) que dedicam sua gratidão, seu louvor e seus pedidos especialmente à lei de Deus, nos lembram da bênção que a lei representa. O salmista entende por “lei” toda a obra da salvação divina, bem como a orientação para uma vida nova em obediência. A alegria na lei e nos mandamentos de Deus toma conta de nós, depois de Deus ter transformado nossa vida por meio de Jesus Cristo. O temor mais profundo da nova vida é que Deus venha a ocultar de mim o seu mandamento (Sl 119.17-19), de modo que, um dia, ele não me permita mais conhecer sua vontade.

Conhecer as ordens de Deus é graça. Por meio delas nós nos libertamos dos planos e conflitos que nós mesmos forjamos. Elas nos dão a certeza da direção na qual seguir e nos fazem caminhar em alegria. Deus nos dá seus mandamentos para que nós os cumpramos. *E os seus mandamentos não são difíceis de guardar* (1Jo 5.3) para aquele que encontrou toda a salvação em Jesus Cristo. O próprio Jesus submeteu-se à lei e a cumpriu em obediência plena diante do Pai. A vontade de Deus tornou-se sua alegria, seu alimento. Jesus agradece em nós pela graça da lei e nos presenteia com a alegria, porque ele cumpriu

a lei. Desse modo, testemunhamos o nosso amor à lei, certificando-nos de que a cumprimos com alegria e pedindo que nela sejamos mantidos irrepreensíveis. Não fazemos isso por nossa própria força, mas pedimos em nome de Jesus Cristo, que é por nós e está em nós.

Talvez tenhamos especial dificuldade com o Salmo 119, em virtude de sua extensão e sua aparente monotonia. O que vai ajudar aqui será somente um progredir lento, silencioso e paciente de palavra a palavra, de frase a frase. Se assim procedermos, reconheceremos que as aparentes repetições desvendam sempre novas facetas do mesmo amor à Palavra de Deus. Como este amor jamais finda, também não poderão findar as palavras que o confessam. Elas querem nos acompanhar por toda a nossa vida e, em sua simplicidade, tornam-se a oração da criança, do adulto e do ancião.

A história da salvação

Os Salmos 78, 105 e 106 narram a história do povo de Deus na terra. Descrevem a eleição graciosa, bem como a fidelidade de Deus e a infidelidade e ingratidão do povo. O Salmo 78 não contém nenhuma invocação. Como devemos orar estes Salmos? Em vista da salvação experimentada no passado, o Salmo 106 nos convoca à gratidão e à adoração, ao compromisso e à invocação, à confissão de culpa e ao grito por socorro.

- Gratidão pela benignidade de Deus, que perdura eternamente sobre o seu povo. Nós experimentamos hoje essa benignidade, assim como nossos pais a experimentaram no passado.
- Adoração pelos milagres que Deus operou em nosso favor,

desde a libertação de sua comunidade do Egito até o Gólgota.

- Compromisso de obedecermos ao mandamento de Deus com mais fidelidade do que temos feito até agora.
- Invocação da graça divina para esta obediência segundo a sua promessa.
- Confissão dos nossos próprios pecados, da infidelidade e indignidade diante de tão grande misericórdia.
- Grito por socorro, pela reunião e redenção do povo de Deus.

Oramos estes Salmos contemplando tudo o que Deus outrora fez ao seu povo como sendo feito em nosso benefício. Assim, confessamos nossa culpa e a graça de Deus. Baseados nas benignidades do passado, lembramos Deus de suas promessas, clamando pelo cumprimento destas. Oramos, portanto, reconhecendo que toda a história de Deus com seu povo cumpriu-se em Jesus Cristo, por meio de quem recebemos ajuda no passado e no presente. Por causa de Jesus Cristo rendemos gratidão, oração e confissão a Deus.

Salmo 22



לְמִנְצַח עַל־אֵילַת הַשָּׁחַר מִזְמוֹר לְדָוִד:

1 Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

Por que se acham longe de minha salvação as palavras de meu gemido?

2 Deus meu, clamo de dia, e não me respondes;

também de noite, porém não tenho sossego.

3 Contudo, tu és santo,

entronizado entre os louvores de Israel.

4 Nossos pais confiaram em ti;

Confiaram, e tu os livraste.

5 A ti clamaram e escaparam;

Confiaram em ti e não foram envergonhados.

6 Mas eu sou verme, e não homem;

afrontado pelos homens e desprezado pelo povo.

7 Todos os que me veem zombam de mim;

fazem caretas e balançam a cabeça, dizendo:

8 “Confiou no SENHOR! Ele que o livre!

Salve-o, pois nele tem prazer.”

9 Contudo, tu és quem me faz nascer;

e me preservaste, estando eu ainda ao seio de minha mãe.

*10 A ti me entreguei desde o meu nascimento;
desde o ventre de minha mãe, tu és o meu Deus.*

*11 Não te distancies de mim,
porque a tribulação está próxima,
e não há quem me ajude.*

*12 Muitos touros me cercam,
fortes touros de Basã me rodeiam.*

*13 Contra mim abrem a boca,
como faz o leão que despedaça e ruge.*

*14 Derramei-me como água,
e todos os meus ossos se desconjuntaram;
meu coração fez-se como cera,
derreteu-se dentro de mim.*

*15 Secou-se o meu vigor, como um caco de barro,
e a língua se me apega ao céu da boca;
assim, me deitas no pó da morte.*

*16 Cães me cercam;
um bando de malfeitores me rodeia;
traspassaram-me as mãos e os pés.*

*17 Posso contar todos os meus ossos;
os meus inimigos estão olhando para mim e me encarando.*

*18 Repartem entre si as minhas vestes
e sobre a minha túnica lançam sortes.*

19 Tu, porém, SENHOR, não te afastes de mim;

força minha, apressa-te em me socorrer.

*20 Livra a minha alma da espada,
e, das presas do cão, a minha vida.*

*21 Salva-me da boca do leão
e dos chifres dos búfalos;
sim, tu me respondes.*

*22 A meus irmãos declararei o teu nome;
no meio da congregação eu te louvarei.*

*23 Louvem o SENHOR, vocês que o temem;
glorifiquem-no, todos vocês, descendência de Jacó;
temam-no, todos vocês, posteridade de Israel.*

*24 Porque não desprezou nem detestou
a dor do aflito,
nem ocultou dele o seu rosto,
mas ouviu, quando lhe gritou por socorro.*

*25 De ti vem o meu louvor na grande congregação;
cumprirei os meus votos na presença dos que o temem.*

*26 Os sofredores hão de comer e fartar-se;
louvarão o SENHOR aqueles que o buscam.
Que o coração de vocês viva para sempre!*

*27 Os confins da terra se lembrarão do SENHOR e a ele se converterão;
perante ele se prostrarão
todas as famílias das nações.*

*28 Pois do SENHOR é o reino,
é ele quem governa as nações.*

*29 Todos os ricos da terra hão de comer e adorar,
e todos os que descem ao pó se prostrarão perante ele,
até aquele que não pode preservar a própria vida.*

*30 A posteridade o servirá,
e se falará do SENHOR à geração vindoura.*

*31 Virão e anunciarão a justiça dele;
ao povo que há de nascer, contarão que foi ele quem o fez.*

O Messias

A história da salvação cumpre-se na vinda do Messias. Segundo a interpretação do próprio Jesus o Saltério profetizou esse Messias (Lc 24.44). Os Salmos 22 e 69 são conhecidos como os salmos da paixão de Cristo.

Na cruz, Jesus orou o início do Salmo 22, tornando-o assim sua própria prece. Hebreus 2.12 coloca o versículo 22 na boca de Cristo. Os versos 8 e 18 são profecias diretas quanto à crucificação de Jesus. Embora Davi outrora tenha orado este salmo em seu próprio sofrimento, também orou porque dele, o rei ungido por Deus e perseguido pelos homens, descenderia o Cristo. Orrou carregando Cristo em si mesmo. Cristo acolheu essa oração, e somente em relação a ele ela é totalmente válida. Nós só podemos orar este salmo em comunhão com Jesus Cristo, como participantes de seus sofrimentos. Oramos, não a partir daquilo que, por acaso, estejamos sofrendo pessoalmente, mas a partir do sofrimento de Cristo que também veio sobre nós. Nós sempre ouviremos Jesus Cristo orando conosco e, através dele, aquele rei do Antigo Testamento. Ao repetirmos esta oração, nós nos

aproximamos do trono de Deus orando com Jesus, sem jamais podermos perscrutar e experimentar toda a profundidade deste salmo.

No Salmo 69, o verso 5 costuma causar dificuldades, porque nele Cristo confessa a Deus sua “insensatez” e suas “culpas”. Sem dúvida Davi referiu-se à sua culpa pessoal. Cristo, no entanto, fala da culpa de toda a humanidade (inclusive a de Davi e a minha própria), que tomou sobre si. Ele a suportou e agora sofre a ira do Pai. O verdadeiro homem Jesus Cristo ora neste salmo e nos inclui em sua oração.

Os Salmos 2 e 110 confessam a vitória de Cristo sobre seus inimigos, a constituição do seu Reino e a adoração do povo de Deus. Também aqui a profecia faz referência a Davi e a seu reinado. Nós, no entanto, já reconhecemos em Davi o Cristo vindouro. Lutero considera o Salmo 110 “o Salmo principal e verdadeiramente sublime do nosso amado Senhor Jesus Cristo”.

Não há dúvidas de que os Salmos 20, 21 e 72 referem-se originalmente aos reinados terrenos de Davi e Salomão. O Salmo 20 pede pela vitória do rei messiânico sobre seus inimigos e pela aceitação de sua oferta por Deus. O Salmo 21 agradece pela vitória e coroação do rei. O Salmo 72 clama por justiça e socorro para os pobres e por paz, governo estável e glória eterna em seu reino. Nós oramos, nestes Salmos, pela vitória de Jesus Cristo no mundo; agradecemos pela vitória conquistada e oramos pelo estabelecimento do reino da justiça e da paz sob o Rei Jesus Cristo. Nesse sentido também entendemos os Salmos 61.6-8 e 63.11.

Também o controvertido Salmo 45 fala do amor pelo rei messiânico, de sua beleza e riqueza e do seu poder. Ao casar-se com este Rei, a noiva deverá esquecer *seu povo e a casa de seu pai* (v. 10) para reverenciá-lo. Ela há de enfeitar-se somente para ele, indo ao seu encontro com

alegria. Esse é o cântico e a oração acerca do amor entre Jesus, o Rei, e sua comunidade, que lhe pertence.

A Igreja

Os Salmos 27, 42, 46, 48, 63, 81, 84 e 87, entre outros, tematizam Jerusalém, a cidade de Deus, as grandes festas do povo de Deus, o templo e os belos cultos. Neles agradecemos pela presença de Deus redentor em sua comunidade. Alegramo-nos sobre ela e ansiamos por ela. O que, para os israelitas, são o monte Sião e o templo, para nós é a Igreja de Deus em todo o mundo, onde quer que Deus habite através de sua Palavra e sacramento junto à sua comunidade. Essa igreja permanecerá, a despeito de todos os inimigos (Sl 46). Seu cativeiro engendrado pelos poderes deste mundo sem Deus findará (Sl 126, 137). O Deus gracioso está presente em sua comunidade por meio de Cristo. Ele é a plenitude de toda gratidão, alegria e esperança dos Salmos. Deus mesmo habitou em Jesus. Ainda assim ele ansiava por comunhão com Deus, porque foi humano como nós (Lc 2.49). Por isso ele ora conosco pela proximidade e presença plena de Deus com os que lhe pertencem.

Deus prometeu estar presente nos cultos de sua comunidade. Assim, a comunidade celebra seu culto segundo a ordem divina. O culto perfeito, no entanto, o próprio Jesus Cristo celebrou, ao consumir todos os sacrifícios ordenados através do seu, voluntário e sem pecado. Cristo ofereceu o sacrifício de Deus por nós como sendo os nossos sacrifícios a Deus, em sua própria pessoa. Resta-nos apenas o sacrifício de louvor e gratidão, manifesto em orações e cânticos e em uma vida orientada pelos mandamentos de Deus (Sl 15 e 50). Assim, toda a nossa vida

torna-se oferta de gratidão. Deus aceita tais sacrifícios, revelando sua salvação aos que lhe agradecem (Sl 50.23). Desse modo os Salmos nos ensinam a ser gratos a Deus por causa de Cristo e a lhe render louvores com o coração, a boca e as mãos, em meio à sua comunidade.

A vida

Ao orar os Salmos, muitos cristãos sinceros são surpreendidos pelos frequentes pedidos por vida e felicidade. Da perspectiva da cruz de Cristo, nasce em alguns o pensamento doentio de que a vida e as bênçãos terrenas visíveis, por si mesmas, já são suspeitas. Aham que não devem almejá-las. Portanto, as orações do Saltério que se referem a bens terrenos são por eles considerados um estágio imperfeito da piedade do Antigo Testamento, superado pelo Novo. Com tais conclusões, pretendem ser mais espirituais do que o próprio Deus.

A oração pelo pão de cada dia abrange toda a área das necessidades da vida terrena. Assim, a oração por vida, saúde e sinais visíveis da benignidade de Deus, pertence necessariamente àquela dirigida a Deus, o Criador e Mantenedor desta vida. A vida física não é algo desprezível, mas, em Jesus Cristo, Deus nos presenteou com comunhão consigo mesmo, para que nós vivêssemos ligados a ele, tanto nesta vida quanto, naturalmente, também naquela. Com esse propósito, ele nos dá orações terrenas, para que possamos conhecê-lo, louvá-lo e amá-lo ainda mais. Deus deseja que aqueles que o temem passem bem (Sl 37). Esse propósito não é anulado pela cruz de Cristo, mas é confirmado por ela. Justamente quando as pessoas sofrem muitas privações por seguirem Cristo, elas, tal como os discípulos, também responderão à pergunta de Jesus: *“Faltou-lhes alguma coisa?”*, com *“Não faltou nada!”* (Lc 22.35).

Fundamento para tanto é o reconhecimento do Salmo: *Mais vale o pouco do justo que a abundância de muitos ímpios* (Sl 37.16).

Não devemos ficar com a consciência pesada ao orarmos com o Saltério por vida; saúde, paz e bens terrenos. Com o Salmo queremos aceitar tudo isso como demonstrações da graciosa comunhão de Deus conosco, sem deixar de reconhecer que a benignidade de Deus é melhor do que a vida (Sl 63.3s.; 73.25s.).

O Salmo 103 nos ensina a compreender toda a plenitude das dádivas divinas em sua unidade, desde a manutenção da vida até o perdão dos pecados, agradecendo e louvando a Deus por elas (cf. Salmo 65). O Criador nos concede e mantém a vida por causa de Jesus Cristo. Dessa maneira ele nos prepara para recebermos a vida eterna, ao perdermos todos os bens terrenos na morte. Somente por Jesus Cristo e por sua incumbência podemos pedir bens materiais, e, também por sua causa, nós o fazemos com confiança. Quando, porém, recebermos o que necessitamos, não deixemos de agradecer a Deus de coração por ele ser tão prestativo por amor de Jesus Cristo.

O sofrimento

“Onde encontras palavras mais queixosas e lamuriosas em relação à tristeza do que as contidas nos Salmos de lamentação? Através deles se perscruta o coração de todos os santos; bem como a morte e o inferno. Quão tenebroso e escuro é nosso coração em vista da ira de Deus” (Lutero).

O Saltério nos ensina amplamente a nos achegarmos de maneira adequada a Deus em vista dos múltiplos sofrimentos que o mundo nos traz. Os Salmos mencionam doença grave, abandono total por Deus e homens, ameaças, perseguição, prisão e qualquer outra angústia que se possa pensar sobre a terra (Sl 13, 31, 35, 41, 44, 54, 55, 56, 61, 74, 79,

86, 88, 102, 105 e outros). Eles não negam nada disso, nem nos iludem a seu respeito com palavras piedosas. Também não desfazem a dura provação da fé. Por vezes nem sequer enxergam além do sofrimento (Sl 88), mas todos dirigem sua lamentação a Deus. Nenhum indivíduo pode orar os Salmos de lamentação a partir de sua própria experiência. Eles reúnem o sofrimento de toda a comunidade, de todos os tempos, sofrimento que unicamente Jesus Cristo experimentou. Este sucede pela vontade de Deus, que o conhece plenamente, melhor do que nós mesmos. Por isso, somente o próprio Deus pode nos ajudar e todas as perguntas sempre voltam a questionar o próprio Deus.

Nos Salmos não encontramos aceitação precipitada do sofrimento. Os salmistas, repetidas vezes, passam por lutas, angústias e dúvidas. Chegam a questionar a justiça de Deus, que permite que o piedoso seja atingido por infortúnios e que o ímpio saia ileso. Questionam a vontade bondosa e misericordiosa de Deus (Sl 44.24). Seu agir é bastante incompreensível. Mesmo na mais profunda desesperança, porém, Deus continua sendo o único que é invocado. O sofredor não espera por auxílio humano. Autocomiseração não o faz perder de vista a origem e o destino de todo sofrimento: o próprio Deus. Ele se dispõe a lutar com Deus e contra Deus. O Deus juiz é lembrado inúmeras vezes de suas bênçãos de outrora, da honra de seu nome entre os homens.

Se sou culpado, por que Deus não me perdoa? Se sou inocente, por que Deus não dá cabo do sofrimento e evidencia minha inocência diante dos meus inimigos? (Sl 38; 79; 44). Não existe resposta teórica para todas essas perguntas, nem mesmo no Novo Testamento. A única resposta é Jesus Cristo.

Mas essa resposta já é solicitada nos Salmos. Eles têm em comum o fato de lançarem todo sofrimento e toda aflição sobre o próprio Deus:

“Não mais podemos suportá-la! Toma-a e carrega-a tu mesmo. Somente tu podes solucionar o sofrimento”. Esse é o objetivo dos Salmos de lamentação. Eles clamam por aquele que pode tomar sobre si a enfermidade e que por suas pisaduras nos cura, Jesus Cristo. Eles anunciam que Jesus Cristo é o único auxílio no sofrimento, pois nele Deus está conosco.

Os Salmos de lamentação clamam por comunhão plena com Deus, que é justiça e amor. Entretanto, Jesus Cristo não é apenas o objetivo da nossa oração. Ele também se faz presente em nossa própria oração. Ele carregou toda a dor, levando-a até Deus, e por nossa causa orou em nome de Deus: *“Porém não seja o que eu quero, e sim o que tu queres”* (Mc 14.36). Por nossa causa ele clamou na cruz: *“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”* (Mc 15.34).

Agora sabemos que não existe sobre a face da terra sofrimento algum no qual Cristo, o único auxiliador, não esteja sofrendo e orando conosco.

Nesse solo crescem os maravilhosos Salmos que expressam confiança. Confiança em Deus, sem Cristo, é vazia e incerta; nada mais é do que uma forma de autoconfiança. Quem, no entanto, souber que, em Cristo, o próprio Deus penetrou em nosso sofrimento, poderá dizer com grande confiança: ... *porque tu estás comigo; o teu bordão e o teu cajado me consolam* (Salmos 23.4; 37; 63; 73; 91; 121).

Salmo 51



לְמִנְצָח מִזְמוֹר לְדָוִד:

*1 Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade;
e, segundo a multidão das tuas misericórdias,
apaga as minhas transgressões.*

*2 Lava-me completamente da minha iniquidade
e purifica-me do meu pecado.*

*3 Pois eu conheço as minhas transgressões,
e o meu pecado está sempre diante de mim.*

*4 Pequei contra ti, contra ti somente,
e fiz o que é mau perante os teus olhos,
de maneira que serás tido por justo no teu falar
e puro no teu julgar.*

*5 Eu nasci na iniquidade;
e em pecado me concebeu a minha mãe.*

*6 Eis que te agradas da verdade no íntimo
e no oculto me fazes conhecer a sabedoria.*

*7 Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo;
lava-me, e ficarei mais alvo do que a neve.*

8 Faze-me ouvir júbilo e alegria,

para que exultem os ossos que esmagaste.

*9 Esconde o teu rosto dos meus pecados
e apaga todas as minhas iniquidades.*

*10 Cria em mim, ó Deus, um coração puro
e renova dentro de mim um espírito inabalável.*

*11 Não me lances fora da tua presença,
nem me retires o teu Santo Espírito.*

*12 Restitui-me a alegria da tua salvação
e sustenta-me com um espírito voluntário.*

*13 Então ensinarei aos transgressores os teus caminhos,
e os pecadores se converterão a ti.*

*14 Livra-me dos crimes de sangue, ó Deus,
Deus da minha salvação,
e a minha língua exaltará a tua justiça.*

*15 Abre, Senhor, os meus lábios,
e a minha boca manifestará o teu louvor.*

*16 Pois não te agradas de sacrifícios; do contrário, eu os ofereceria;
e não tens prazer em holocaustos.*

*17 Sacrifício agradável a Deus é o espírito quebrantado;
coração quebrantado e contrito, não o desprezarás, ó Deus.*

*18 Faze bem a Sião, segundo a tua boa vontade;
edifica os muros de Jerusalém.*

*19 Então te agradecerás dos sacrifícios de justiça,
dos holocaustos e das ofertas queimadas;
e sobre o teu altar serão oferecidos novilhos.*

A Culpa

Nos Salmos o pedido de perdão é muito menos frequente do que esperamos. A maioria deles pressupõe a certeza plena do perdão dos pecados. Isso pode surpreender. Mas o Novo Testamento também faz essa suposição. Tolhemos e ameaçamos a oração cristã se pedimos apenas por perdão dos pecados. Por amor de Cristo podemos deixar os pecados confiadamente para trás.

Nem por isso a oração de arrependimento está ausente no Saltério. Os assim chamados sete Salmos de penitência (6, 32, 38, 51, 102, 130, 143), bem como outros (p. ex., 14, 15, 25, 31, 39, 40, 41), nos ensinam a reconhecer profundamente o nosso pecado diante de Deus. Ajudam-nos a confessar nossos pecados e dirigem toda a nossa confiança ao perdão gracioso de Deus. Com razão, Lutero chamou esses de “Salmos paulinos”. Eles geralmente nascem de uma situação específica, tanto um fardo de culpa (Sl 32, 51) quanto um sofrimento inesperado (Sl 38, 102) levam ao arrependimento. Toda a confiança é depositada sempre no perdão soberano que Deus nos oferece e promete em sua Palavra, em Jesus Cristo, para toda a eternidade.

Um cristão certamente não encontrará dificuldades em orar estes Salmos. No entanto, poderia surgir a pergunta: Como entender que Jesus também ora estes Salmos conosco? Como aquele que não tem pecado algum pode pedir perdão dos pecados? A resposta é: da mesma maneira com que ele tomou sobre si o pecado de todo o mundo, fazendo-se pecado por nós (2Co 5.21). Jesus pede perdão, não pelos seus pecados, mas pelos nossos, que ele tomou sobre si e pelos quais ele sofre. Coloca-se ao nosso lado. Diante de Deus, quer ser uma pessoa igual a nós. Assim, ele ora a mais humana de todas as orações e nisso

revela-se como verdadeiro Filho de Deus.

Ao cristão evangélico salta aos olhos e até incomoda o fato de que, nos Salmos, a inocência dos piedosos é mencionada com tanta frequência quanto sua culpabilidade (cf., p. ex., Sl 5, 7, 9, 16, 17, 26, 35, 41, 44, 59, 66, 68, 69, 73, 86). Aqui parecem aflorar resquícios de uma justificação por obras vista no Antigo Testamento, sem sentido para o cristão. Mas essa conclusão é superficial e ignora a profundidade da Palavra de Deus. Sem dúvida alguma podemos falar da nossa própria inocência de maneira hipócrita, afinal não somos capazes de orar a mais contrita confissão de culpa para justificarmos a nós mesmos? Podemos falar tanto da nossa própria culpa quanto da nossa inocência, ignorando a Palavra de Deus.

A questão sobre a qual estamos refletindo aqui não é acerca da eventual motivação de uma oração. O que interessa é se o próprio conteúdo da oração é correto ou incorreto. Aqui fica evidente que o cristão tem a dizer algo importante sobre sua inocência e justiça, não apenas sobre sua culpa. Faz parte da fé que o cristão tenha se tornado totalmente justo e inocente aos olhos de Deus por meio da graça divina e do mérito de Jesus Cristo – *... já não existe nenhuma condenação para os que estão em Cristo Jesus* (Rm 8.1). E faz parte da oração do cristão apegar-se a essa inocência e justiça que lhe foram concedidas e agradecer por elas, firmado na Palavra de Deus. Se levamos a sério a obra de Deus em nós, podemos – aliás, até devemos – orar com toda a humildade e certeza: *Também fui íntegro para com ele e me guardei da iniquidade* (Sl 18.23); *Sondas o meu coração [...] provas-me no fogo e não encontras em mim nenhuma iniquidade* (Sl 17.3). Com tal oração nos firmamos no centro do Novo Testamento, na comunhão estabelecida pela cruz de Jesus Cristo.

Especialmente os Salmos que tratam da perseguição por inimigos ímpios ressaltam a inocência do salmista. Em primeiro plano eles destacam a justiça da causa de Deus, justiça esta que, no entanto, justifica também aquele que se apegua a ela. Ao sermos perseguidos por causa da obra de Deus, somos justificados diante dos inimigos dele. Ao lado da asseveração da inocência objetiva (que, aliás, não é apenas objetiva, pois a obra da graça de Deus sempre nos afeta pessoalmente), em tais Salmos pode aparecer uma confissão de culpa pessoal (41.4; 69.5). Isso, por sua vez, sinaliza que eu realmente me confio à atuação de Deus. Ao mesmo tempo posso pedir: *Faze-me justiça, ó Deus, e defende a minha causa contra a nação infiel; livra-me do homem fraudulento e injusto* (Sl 43.1).

Está equivocado e carece de fundamento bíblico quem pensa que jamais poderíamos sofrer inocentemente, enquanto ainda subsistir em nós alguma falha. Este não é o parecer do Antigo nem do Novo Testamento. Se formos perseguidos por causa da obra de Deus, estaremos sofrendo inocentemente, sim, sofrendo com o próprio Deus. E o fato de pedirmos perdão dos nossos pecados evidenciará que realmente estamos com Deus e, por isso, somos inocentes.

Porém, não apenas somos inocentes diante dos inimigos de Deus, mas diante do próprio Deus. Ele nos perdoa, pois aos seus olhos estamos ligados à sua obra, na qual ele mesmo nos inseriu. Assim, todos os Salmos que asseveram a inocência são sintetizados pelo cântico: “Justiça e sangue de Jesus são meu adorno, minha luz. Nada hei de apresentar a Deus. Seu sangue encobre os males meus”.⁷

⁷ Hino *Justiça e sangue de Jesus*, de autoria de Nikolaus Ludwig von Zinzendorf (Hino 175 – HPD – Hinos do Povo de Deus). (N. de Revisão)

Salmo 73



מִזְמוֹר לְאַסָּף

- 1 De fato, Deus é bom para com Israel,
para com os de coração limpo.*
- 2 Quanto a mim, porém, quase me resvalaram os pés;
pouco faltou para que se desviassem os meus passos.*
- 3 Pois eu invejava os arrogantes,
ao ver a prosperidade dos maus.*
- 4 Para eles não há preocupações,
o seu corpo é forte e sadio.*
- 5 Não partilham das canseiras dos mortais,
nem são afligidos como os outros homens.*
- 6 Por isso, a soberba os cinge como um colar,
e a violência os envolve como um manto.*
- 7 Os olhos saltam-lhes de tanta gordura;
do coração deles brotam fantasias.*
- 8 Zombam e falam com maldade;
falam da opressão com arrogância.*
- 9 Abrem a boca para falar contra os céus,*

e a língua deles percorre a terra.

*10 Por isso, o seu povo se volta para eles
e os tem por fonte da qual bebe com avidez.*

*11 Eles dizem: “Como Deus ficará sabendo?
Por acaso o Altíssimo tem algum conhecimento?”*

*12 Eis que estes são os ímpios;
e, sempre tranquilos, aumentam as suas riquezas.*

*13 Com certeza foi inútil conservar puro o meu coração
e lavar as minhas mãos na inocência.*

*14 Pois o dia inteiro sou afligido
e cada manhã sou castigado.*

*15 Se eu tivesse pensado em falar tais palavras,
já aí teria traído a geração de teus filhos, ó Deus.*

*16 Em só refletir para compreender isso,
achei que a tarefa era pesada demais para mim;*

*17 até que entrei no santuário de Deus
e descobri qual seria o fim deles.*

*18 Tu certamente os pões em lugares escorregadios
e os fazes cair na destruição.*

*19 Como são destruídos num instante!
São totalmente aniquilados de terror!*

*20 Como acontece com o sonho, quando alguém acorda,
assim, ó Senhor, ao despertares, desprezarás a imagem deles.*

*21 Quando o meu coração estava cheio de amargura
e o meu íntimo se comoveu,*

*22 eu estava embrutecido e ignorante;
era como um animal diante de ti.*

*23 No entanto, estou sempre contigo,
tu me seguras pela minha mão direita.*

*24 Tu me guias com o teu conselho
e depois me recebes na glória.*

*25 Quem tenho eu no céu senão a ti?
E quem poderia eu querer na terra além de ti?*

*26 Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam,
Deus é a fortaleza do meu coração
e a minha herança para sempre.*

*27 Os que se afastam de ti certamente perecerão;
tu destróis todos os que são infiéis para contigo.*

*28 Quanto a mim, bom é estar perto de Deus;
faço do SENHOR Deus o meu refúgio,
para proclamar todas as suas obras.*

Os inimigos

Hoje nenhuma parte do Saltério nos causa mais dificuldades do que os Salmos de vingança. Seus pensamentos perpassam todo o Saltério com uma frequência assustadora (p. ex., 5, 7, 9, 10, 13, 16, 21, 23, 28, 31, 35, 36, 40, 41, 44, 52, 54, 55, 58, 59, 68, 69, 70, 71, 137). Aqui qualquer tentativa de orá-los parece previamente condenada ao fracasso. Eles parecem estar em um patamar inferior ao Novo Testamento. Na cruz Cristo orou por seus inimigos e ensinou-nos a orar de modo

semelhante. Como poderíamos invocar, com os Salmos, a vingança de Deus? Então a pergunta é: É possível compreender os Salmos de vingança como Palavra de Deus para nós e como oração de Jesus Cristo? Como cristãos, podemos orar estes Salmos?

Lembre-se que estamos perguntando pelo *conteúdo* dessas orações, e não pela possível motivação com a qual alguém venha a orá-las. Isso nós jamais poderemos sondar.

Os inimigos mencionados nesses Salmos são inimigos de Deus, que nos atacam por causa da obra dele. Jamais se trata de alguma briga pessoal. Em parte alguma o salmista exerce vingança com as próprias mãos, mas a confia unicamente a Deus (cf. Rm 12.19). Assim, ele precisa abrir mão de todos os pensamentos de vingança pessoal. Precisa estar livre de toda sede de vingança, pois, do contrário, não estaria confiando a vingança com sinceridade a Deus. Somente quem é inocente diante do inimigo pode confiar a vingança a Deus. A oração pela vingança de Deus é pelo cumprimento de sua justiça no juízo sobre o pecado. Se Deus mantiver sua palavra, esse juízo acontecerá, atingindo quem quer que seja. Com o meu pecado, eu mesmo me encontro sob esse juízo. Não tenho o direito de querer impedi-lo. Ele se cumprirá por causa do próprio Deus; aliás, já se cumpriu, ainda que de maneira maravilhosa e estranha.

A vingança divina não atingiu o pecador, mas o único que não teve pecado algum, que entrou no lugar do pecador: Jesus Cristo. Ele suportou a vingança de Deus por cuja execução o Salmo ora. Aplacou a ira de Deus sobre o pecado e orou na hora em que o juízo de Deus se cumpria: *“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”* (Lc 23.34).

Ninguém, senão aquele que suportou, ele mesmo, a ira de Deus, poderia orar assim. Isso aniquila todas as falsas ideias acerca do amor

de Deus, que ignoram a seriedade do pecado. Deus odeia e julga seus inimigos através do único justo, e este intercede pelo perdão dos inimigos de Deus. Somente pela cruz de Cristo podemos encontrar o amor de Deus.

Assim, o Salmo de vingança nos conduz à cruz e ao amor de Deus, que perdoa o inimigo. Eu não posso perdoar os inimigos de Deus. Somente o Cristo crucificado pode fazê-lo. E só por seu intermédio eu também sou capaz de perdoar. Em Jesus Cristo o cumprimento da vingança transforma-se, agracia toda a humanidade.

Sem dúvida alguma, faz diferença significativa se me encontro com este Salmo no tempo da promessa ou no tempo do cumprimento. Mas essa diferença vale para todos os Salmos. Oro os Salmos de vingança na certeza de que Deus os cumpre maravilhosamente. Entrego a vingança a Deus e peço pelo cumprimento de sua justiça em todos os seus inimigos, sabendo que Deus permanecerá fiel a si mesmo. Ele fez justiça por meio do seu juízo irado na cruz, e essa ira tornou-se, para nós, graça e alegria. O próprio Jesus Cristo pede pelo cumprimento da vingança divina em si mesmo, reconduzindo-me diariamente à seriedade e graciosidade de sua cruz, em relação a mim e a todos os inimigos de Deus.

Hoje eu também só posso crer no amor de Deus e no perdão aos inimigos através da cruz de Cristo e do cumprimento da ira divina. A cruz de Cristo abrange a todos. Quem quer que se oponha à cruz de Cristo, distorcendo a palavra da cruz, sofrerá a vingança de Deus, haverá de tomar sobre si a maldição de Deus, agora ou na eternidade. O Novo Testamento fala com clareza inequívoca dessa maldição que atinge aqueles que odeiam Jesus Cristo, e nisso ele não se distingue do Antigo Testamento. Por outro lado, fala também da alegria da

comunidade no dia em que Deus realizar seu juízo final (Gl 1.8s.; 1Co 16.22; Ap 18; 19; 20.11). Assim Jesus, o crucificado, nos ensina a orar corretamente os Salmos de vingança.

O fim

A esperança dos cristãos está orientada para a volta de Jesus e para a ressurreição dos mortos. No Saltério essa esperança não é mencionada expressamente. A partir da ressurreição de Jesus o final do mundo desdobra-se para a igreja em uma longa sequência de eventos salvíficos. Na perspectiva do Antigo Testamento eles ainda são uma unidade indivisível. No entanto, a vida em comunhão com o Deus da revelação, a vitória derradeira de Deus no mundo e o estabelecimento de seu reinado messiânico são objeto da oração dos Salmos.

Não há diferença essencial em relação ao Novo Testamento. Ainda que os Salmos anseiem pela comunhão com Deus na vida terrena, sabem que essa comunhão não se restringe à vida aqui. Sabem que a excede em muito e que é até oposta à vida terrena (Sl 17.13s.; 6.3s). Nesse sentido, a vida em comunhão com Deus sempre está além do limite da morte. A morte continua sendo o amargo e irrevogável fim para corpo e alma. Ela é o salário do pecado, e convém lembrar que é este o seu preço (Sl 39 e 90). Além da morte, no entanto, está o Deus Eterno (Sl 90 e 102). Por isso, no poder de Deus, o que vai triunfar é a vida e não a morte (Sl 16.8ss.; 56.13; 49.15; 73.24; 118.14ss.). Nós encontramos essa vida na ressurreição de Jesus Cristo e pedimos para recebê-la já agora, bem como na eternidade.

Os Salmos que falam da vitória final de Deus e do seu Messias (2; 97; 98; 110; 148-150) levam-nos, em louvor, gratidão e oração, ao fim de

todas as coisas, quando todo o mundo renderá glórias a Deus; quando a comunidade redimida reinará eternamente com Deus; quando os poderes do maligno sucumbirão e todo o poder pertencerá unicamente a Deus.

Oração pelo Espírito da vida

Fizemos um breve passeio pelo Saltério para, talvez, aprender a orar melhor alguns Salmos. Não seria difícil relacionar todos os Salmos mencionados com o Pai Nosso. Apenas precisaríamos fazer pequenas alterações na sequência dos assuntos aqui tratados. O que importa, porém, é que recomeçemos a orar os Salmos no nome de nosso Senhor Jesus Cristo com fidelidade e amor.

O nosso amado Senhor, que nos ensinou a orar o Saltério e o Pai Nosso e nos presenteou com eles, conceda-nos, também, o Espírito da oração e da graça para que oremos sem cessar, com disposição e seriedade de fé. Nós precisamos disso. Ele o ordenou, portanto, o requer de nós. A ele sejam dados louvor, honra e gratidão. Amém. (Lutero)

Salmo 103



לְדָוִד

*1 Bendiga, minha alma, o SENHOR,
e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome.*

*2 Bendiga, minha alma, o SENHOR,
e não se esqueça de nem um só de seus benefícios.*

*3 Ele é quem perdoa todas as suas iniquidades;
quem cura todas as suas enfermidades;*

*4 quem da cova redime a sua vida
e coroa você de graça e misericórdia.*

*5 É ele quem enche de bens a sua vida,
de modo que a sua mocidade se renova como
a da águia.*

*6 O SENHOR faz justiça
e julga todos os oprimidos.*

*7 Manifestou os seus caminhos a Moisés
e os seus feitos aos filhos de Israel.*

*8 O SENHOR é compassivo e bondoso;
tardio em irar-se e rico em bondade.*

9 Não repreende perpetuamente,

nem conserva para sempre a sua ira.

*10 Não nos trata segundo os nossos pecados,
nem nos retribui conforme as nossas iniquidades.*

*11 Pois quanto o céu se eleva acima da terra,
assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem.*

*12 Quanto o Oriente está longe do Ocidente,
assim ele afasta de nós as nossas transgressões.*

*13 Como um pai se compadece de seus filhos,
assim o SENHOR se compadece dos que o temem.*

*14 Pois ele conhece a nossa estrutura
e sabe que somos pó.*

*15 Quanto ao homem, os seus dias são como a relva.
Como a flor do campo, assim ele floresce;*

*16 mas, soprando nela o vento, desaparece
e não conhecerá, daí em diante, o seu lugar.*

*17 Mas a misericórdia do SENHOR é de eternidade a eternidade
sobre os que o temem,
e a sua justiça, sobre os filhos dos filhos,*

*18 para com os que guardam sua aliança
e para com os que se lembram dos seus preceitos e os cumprem.*

*19 Nos céus, o SENHOR estabeleceu o seu trono,
e o seu reino domina sobre tudo.*

*20 Bendigam o SENHOR os seus anjos,
valerosos em poder, que executam as suas ordens
e lhe obedecem à palavra.*

*21 Bendigam o SENHOR todos os seus exércitos,
ministros seus, que fazem a sua vontade.*

*22 Bendigam o SENHOR todas as suas obras,
em todos os lugares de seu domínio.
Bendiga, minha alma, o SENHOR.*

A bênção da oração matinal

A ordem e a disciplina do nosso dia são conquistadas na oração da manhã, momento em que são buscadas, e vão sendo encontradas e vivenciadas no trabalho. A oração da manhã decide sobre o resto do dia. A vergonha quanto ao tempo desperdiçado, a fraqueza e o desânimo no trabalho, bem como a confusão e a indisciplina em nossos pensamentos e nos relacionamentos com outras pessoas frequentemente têm sua origem no desleixo da oração matinal.

O uso ordenado e disciplinado do nosso tempo firma-se quando procede da oração. As tentações que brotam dos afazeres diários são vencidas pela busca de Deus. As decisões concernentes ao nosso trabalho tornam-se mais fáceis e mais leves quando são tomadas diante da face de Deus e não no temor de homens. *Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor e não para os homens (Cl 3.23).* Até as tarefas rotineiras são executadas com mais paciência quando feitas a partir do conhecimento de Deus e do seu mandamento.

A força para trabalhar cresce quando pedimos a Deus que nos dê hoje a força que necessitamos para o nosso trabalho.

A vida e a obra de Dietrich Bonhoeffer

Eberhard Bethge



A família

O pai de Dietrich Bonhoeffer foi um renomado psiquiatra, catedrático em Berlim, Alemanha. Seus antepassados foram prefeitos e pastores e, na igreja de Schwäbisch-Hall, ainda encontramos antigas lápides com o nome Bonhoeffer. Sua mãe era neta de Karl von Hase, conceituado professor de História Eclesiástica da Universidade de Jena. Este, em sua juventude, estivera preso no forte de Asperg por defender as liberdades de associações estudantis.

Em sua mãe, Dietrich Bonhoeffer destacou, com gratidão, a disposição natural para ajudar e sua capacidade de engajar-se. Em seu pai, a cautela extremamente sábia e a sua capacidade de concentrar-se naquilo que era viável. Bonhoeffer afirmou que a personalidade de seu pai lhe ensinou a “abdicar do discurso em prol da realidade”. Jamais desistia de educar, visando à eficiência, e era sensível a todo excesso de sentimentos. Em uma de suas últimas cartas preservadas escreveu:

“Considerarei um dos principais fatores espirituais da educação em nossa família o fato de que ela, antes de podermos formar opinião própria, nos fez superar tantas barreiras no que tange à objetividade, clareza e naturalidade, bons modos e simplicidade”.

Bonhoeffer nasceu em 4 de fevereiro de 1906, em Breslau, e cresceu com muitos irmãos no bairro de Grunewald, em Berlim. Era um menino forte e ágil. Não gostava de perder competições, e não perdia. Um dia, ao voltar para casa com uma coroa de louros nos ombros, não superou o fato de que os irmãos riram dele por causa do seu adorno. Eles apreciavam a vitória, mas não a necessidade de esnobá-la. Na vizinhança moravam os filhos de Adolf von Harnack e Hans Delbrücks. Com eles celebrava e tocava músicas (Dietrich tornou-se um pianista apaixonado), fazia debates e caminhadas.

“Em minhas fantasias, eu me encontro muito na natureza, especificamente na região serrana, isto é, nos campos das florestas em Friedrichsbrunn ou nas encostas das quais se pode ver o castelo de Trese. Deitado de costas na grama, vejo como a brisa conduz as nuvens e ouço os ruídos da floresta. É curioso como tais impressões da infância influem profundamente na minha personalidade, a ponto de eu não imaginar que pudesse ter tido uma casa de veraneio nos Alpes ou junto ao mar. A montanha é, para mim, a natureza que me pertence. A cadeia montanhosa do Harz, a floresta da Turíngia e a serra do Weser, respectivamente, me moldaram.”

Assim ele relembrou sua infância na época em que estava preso.

Em um romance que começou a escrever, Bonhoeffer narra a inserção de duas famílias burguesas em múltiplas responsabilidades públicas. Ele sempre retornava a esse passado rico. Com atenção e sem constrangimento, participava de tudo o que fizesse parte da vida humana. Essa é a herança que Bonhoeffer assimilou com gratidão. Na decadência dos relacionamentos causada pelo regime nazista, ele vivenciou como a família ampla e amada cresceu em firmeza e união, apesar da diversidade de profissões e metas de cada um. Durante as provações mais intensas, nenhuma sombra caiu sobre o comprometimento mútuo dessa família. Cada um conhecia as reações do outro tanto quanto as do seu próprio coração, estivessem os irmãos no lar paterno ou no longínquo e doloroso exílio.

Na universidade

Com dezesseis anos, Dietrich sabia que estudaria teologia. Depois de estudar um ano em Tübingen, em 1924 foi para Berlim, onde concluiu seus estudos. Pela manhã ele acompanhava o já idoso teólogo Adolf von Harnack no bonde a caminho da universidade. Este havia se envolvido, tempos antes, em um ardente debate, quando propôs modificar a confissão de fé da igreja. Pretendia confessar apenas aquilo que ele mesmo compreendia. Agora o ancião alegrava-se por poder conversar com o jovem teólogo, que representava uma geração nova. Esta não mais brigaria por frases do credo, mas haveria de confessá-lo em meio a ameaças.

Bonhoeffer estudou com Harnack e com os outros influentes professores berlinenses Holl, R. Seeberg, Lietzmann e Lütgert, todos teólogos liberais, conquistando sua simpatia. Ainda assim, Bonhoeffer logo se tornaria um dos principais expoentes da “Teologia da igreja”. Sem jamais ter sido aluno de Karl Barth, integrou-se ao movimento teológico iniciado por este.

Conta-se que, em certa ocasião, Bonhoeffer participou como visitante de um seminário de Barth em Bonn. No debate ele citou Lutero: “Aos ouvidos de Deus o praguejar dos ímpios pode ser mais agradável do que o aleluia dos cristãos”. Entusiasmado, Barth perguntou quem fizera esta colocação. Foi assim que ele conheceu Dietrich Bonhoeffer, que, aos 21 anos, defenderia sua tese de doutoramento, um estudo dogmático sobre a comunhão dos santos. Posteriormente apresentaria sua tese de pós-doutoramento, *Akt und Sein* (Agir e ser)⁸, na qual defenderia a posição e a importância da teologia dialética.

Em 1928 foi fazer estágio em Barcelona. De maneira magistral,

narraria, mais tarde, o fascinante ritual das touradas. Ele as considerava uma inigualável expressão aristocrática de uma cultura antiga.

Quando, em 1929, voltou a Berlim, foi incumbido de uma classe de confirmandos pré-adolescentes com os quais ninguém conseguia lidar. Bonhoeffer, no entanto, conseguiu fascinar aqueles jovens de tal maneira que, ainda anos mais tarde, muitos deles passavam seu tempo livre no pequeno jardim que ele havia comprado para eles em Biesenthal, nas proximidades de Berlim.

Em 1943, na prisão, ele voltaria a trabalhar em uma peça teatral que revelou o que o preocupava quando estava envolvido com os menores abandonados. Neste fragmento há um diálogo entre um proletário e o filho de um burguês: “Qual é a culpa daqueles que foram empurrados para a vida sem receber uma base que os sustentasse? Podes ignorá-los?” “Sim, uma base que os sustentasse... Eu jamais o percebi.”

Após os estudos a direção da igreja o enviou para um ano de intercâmbio no Union Theological Seminary, em Nova York, “temido e reverenciado como reduto do criticismo na América”. Em seu relato de 1931 ele descreve o seminário como um “lugar do diálogo franco de todos com todos, possibilitado pela coragem civil própria dos americanos e pela ausência de qualquer formalidade constrangedora no trato das pessoas”. Nessa época surgiu sua amizade com os dois teólogos Niebuhr. O encontro com os *Spirituals*² e a luta dos negros por igualdade atraíram sua atenção. Anos mais tarde, enquanto a Alemanha se isolava, ele introduziria seus alunos neste mundo tão diverso. Eles aprenderam a cantar *Swing low, sweet chariot*¹⁰ vinte anos antes que viesse ser conhecida pelas rádios alemãs. Quando Bonhoeffer visitou os Estados Unidos pela segunda vez, em 1939, já não pôde mais publicar seu relato no qual descrevia os desafios que poderiam resultar do

diálogo entre o “protestantismo sem reforma” (Estados Unidos) e as igrejas da Reforma na Alemanha.

Ao retornar a Berlim, retomou suas aulas na Universidade. Logo formou-se um grupo de alunos ao seu redor. De um seminário sobre Hegel resultou um círculo de amigos. Surpreendentemente, sua crítica impiedosa ao conceito de igreja foi acompanhada da admoestação de amar a igreja visível, a Igreja Evangélica da União Prussiana. Desta preleção surgiu o primeiro livro de ampla difusão: *Criação e queda*¹¹, uma interpretação teológica de Gênesis 1 a 3. Ao mesmo tempo ele atuava como pastor dos estudantes da escola técnica de Charlottenburg. As prédicas lotavam o templo, seus ciclos de palestras eram concorridos, mas ainda assim não chegou a formar-se uma comunidade estável. Não era hora para isso. Assim, ele devolveu este encargo à direção da igreja. Não queria granjear ibope.

Na Igreja Confessante¹²

Então veio o ano de 1933. Já em fevereiro ele fez pela rádio uma palestra na qual criticou o anseio por um “Führer” e declarou que, se a função deste não fosse limitada, acabaria necessariamente por se tornar um sedutor. Tal “Führer” seria idolatrado, endeusado e não prestaria serviço algum. Sua autoridade não se caracterizaria pela legítima autoridade de um pai, de um professor e de um juiz. A transmissão foi interrompida antes que ele pudesse concluir a exposição. Quando ficou evidente que o ídolo endeusado era vitorioso, Bonhoeffer aceitou o chamado de duas igrejas de fala alemã em Londres. Não queria ser inserido na edificação do cristianismo germânico. “Daqui em diante, importa suportar no silêncio e deitar fogo

em todos os cantos deste edifício, para que ele, um dia, caia em ruína”, foram as palavras com as quais despediu-se dos seus alunos.

No exterior, passou a ser um dos principais intérpretes do que estava acontecendo nas igrejas alemãs. Naquela época nasceu a profunda amizade com o bispo anglicano de Chichester. Este, ao visitar a Berlim destruída em 1945, antes de mais nada, procurou os pais de Bonhoeffer. Na dramática conferência em Fano (1934), Bonhoeffer dirigiu a delegação jovem alemã. Lá aconteceu um confronto com os delegados enviados pelas hierarquias eclesiásticas nazistas. O bispo dinamarquês Ammundsen interveio em defesa da Igreja Confessante, que resistia à dominação nazista. Para Bonhoeffer, o movimento ecumênico ingressou, em Fano, em uma nova época. Encontrava-se diante da bifurcação que caminhava, ou para uma associação descomprometida, ou rumo a decisões a favor ou contra a igreja de Jesus Cristo.

Enquanto Bonhoeffer preparava, junto com C. F. Andrews, uma viagem para encontrar Gandhi na Índia (o convívio na Inglaterra havia despertado seu interesse pelos movimentos pacifistas), a Igreja Confessante na Alemanha o convocou para assumir a formação clandestina de pastores em um seminário na Pomerânia. Ele aceitou. Assim, em abril de 1935, mudou-se com 25 estagiários para Zingst e depois para Finkenwald, onde conviveu com os irmãos em casas precariamente instaladas. Compartilhou suas posses materiais e intelectuais, seu tempo e seus sonhos. Era generoso. Diante dele a mesquinhez derretia como a neve ao sol. O rigor e a força de sua capacidade de reflexão eram surpreendentes; mas logo todos perceberam que ninguém jamais lhes tinha dado ouvidos com tamanha atenção. Por isso também sabia aconselhar e exigir com sucesso, o que ninguém conseguira antes.

Naquele seminário tudo tinha sabor de novidade, tanto o trabalho teológico e a convivência humana quanto os posicionamentos na política eclesiástica. Bonhoeffer acabou percebendo o quão marcante era a sua influência, e isso se tornou sua mais profunda provação de fé. Ele chegava a ter aversão ao fato de que sua saúde e vitalidade, sua superioridade e sua opinião se impunham. Chegava a odiar a dependência e, por isso, empenhava-se em fazer qualquer pessoa caminhar sobre seus próprios pés.

Neste período surgiram seus escritos polêmicos contra todo e qualquer afrouxamento da doutrina: “Não podemos abrir mão (das confissões) de Barmen e Dahlem, porque não podemos abrir mão da Palavra de Deus”.

Com isso, uma tempestade se levantou, porque Bonhoeffer ousou identificar as questões levantadas pela Igreja Confessante com a busca de salvação. Nessa época, também surgiram os livros *Discipulado* (1937), que conclamava contra a “graça barata”, e *Vida em Comunhão*¹³ (1938), que refletia biblicamente as experiências de Finkenwald. Estes foram os dois livros que o tornaram conhecido enquanto era vivo, bem como sua pregação acerca do que significa estar com Cristo. Suscitou em muitos, renovado amor pela Escritura. Logo após este livro sobre os Salmos ser publicado, em setembro de 1937 o seminário de pregadores foi fechado pela polícia e a censura proibiu qualquer publicação sua.

Entre conspiradores

Enquanto isso, outros acontecimentos influenciariam a vida e o pensamento de Bonhoeffer. Por meio de seu cunhado, Hans von Dohnanyi, ele teve contato com o círculo de amigos do general Fritsch e

com os primórdios dos planos de golpe de estado do general Beck. Outrora ele fora defensor do movimento pacifista, algo inadmissível na Alemanha de então. Agora ele percebia que seria uma fuga não autorizada esquivar-se dos contatos com a resistência política e militar (ao nazismo). Não que todos tivessem que agir como ele; mas, na sua situação, não via a possibilidade de se esquivar para um lugar piedoso e sem pecado. Afinal, o pecado da burguesia era revelado justamente no fato de fugir da sua responsabilidade. Ele percebeu que essa culpa recaía sobre seus ombros e, por isto, enfrentou o desafio. Não pretendia proteger a igreja com o uso da força. Aliás, preocupava-o profundamente o fato de que a Igreja Confessante perdia sua autoridade por não arriscar sua existência em prol dos judeus. Ela se desgastava em lutas por recursos financeiros e por reconhecimento próprio. Bonhoeffer buscava assumir sua responsabilidade de cidadão alemão a partir da posição na qual Deus o colocara pelo nascimento e pela capacitação. Ele nunca pretendeu substituir as coordenadas de sua vida.

Em 1939, em um ciclo de palestras nos Estados Unidos, bons amigos o procuraram com propostas sedutoras para que permanecesse por lá. Sua abertura ecumênica e sua sensibilidade lhe abririam o caminho. Porém Bonhoeffer embarcou em um dos últimos navios rumo à destruição evidente. Em seu diário ele escreveu: “Não entendo porque estou aqui... A breve oração na qual nos lembramos dos irmãos alemães quase tomou conta de mim... Se a situação se agravar agora, retornarei com certeza para a Alemanha... No caso de uma guerra não quero estar aqui...” Alguns dias mais tarde ele escreveu: “Desde que me encontro no navio, toda inquietação interior terminou”.

Anos mais tarde, na prisão, ele afirmaria:

“Você precisa saber que em momento algum eu me arrependi de ter voltado em 1939, nem de qualquer outra coisa que sucedeu posteriormente. Isso aconteceu com toda percepção e com consciência tranquila. A meu ver, estou aqui porque optei por participar do destino da Alemanha.”

Então começou a vida entre as incumbências da Igreja Confessante e as tarefas decorrentes do envolvimento com a resistência, as visitas (de igrejas), viagens e o trabalho teológico na sua *Ética*.¹⁴ Esta seria publicada em 1949, como fragmento. Ainda assim, Bonhoeffer considerou-a a principal tarefa de sua vida. Dentre as viagens, o encontro com o bispo de Chichester em Estocolmo, em 1942, foi a mais complicada e emocionante. Ele fora incumbido de informá-lo a respeito de quem seriam os envolvidos no possível golpe de estado. As complicações advinham do fato de que, por um lado, seu trabalho na igreja estava cerceado por complicações. Estava proibido de dar aulas e de fazer qualquer publicação. Além disso, fora proibido de permanecer em Berlim. Por outro lado, era complicado conseguir um passaporte e licença para viajar, privilégio concedido a poucos. Nesses preparativos, porém, experimentou maravilhosa ajuda e confiança. Naquela ocasião o convento beneditino de Ettal o acolheu com hospitalidade. Capítulos inteiros da *Ética* foram escritos lá, outros na propriedade de verão da senhora von Kleist em Klein-Krössin, na Pomerânia.

Na prisão

Um dia, porém, sucederia o inesperado. Em uma segunda-feira ensolarada, em abril de 1943, informaram-no por telefone que Hans von Dohnanyi fora detido em seu escritório. Ainda foi possível preparar o quarto de Dietrich para despistar a investigação em uma direção que parecia inofensiva. Então chegou o carro esperado. De 5 de abril de

1943 a 8 de outubro de 1944 Bonhoeffer ficou detido no presídio militar de Tegel. Os guardas penitenciários logo notaram o pastor, cujas palavras eram sinceras, e passaram a ajudá-lo. Secretamente, eles o levavam para as celas de outros prisioneiros desesperados. Preservaram seus trabalhos, artigos e poesias para o futuro. Organizaram um serviço de estafetas para contatar a família e amigos.

No cárcere Bonhoeffer vivenciou com grande sensibilidade as estações do ano, os bombardeios (a prisão não tinha abrigo antiaéreo) e a tensão dos interrogatórios. Mas aos que estavam fora da prisão ele escreveu: “Deleitem-se com a vida”.

Ele refletia sobre a graça de participar dessa atitude sofredora de Cristo do “estar-à-disposição-do-próximo”, e conduzia um diálogo com aqueles que estavam fora da prisão sobre a maravilhosa mundanidade do século 19. Era um pastor entre prisioneiros, mas não se recolhia em um nicho religioso, separado do mundo sem Deus. Diante do inimaginável abalo causado pela notícia do fracasso do atentado contra Hitler em 20 de julho de 1944, sua responsabilidade política transformou-se na nova responsabilidade de assumir as consequências e as dores.

O fim

Quando, em setembro de 1944, a Gestapo descobriu, nos arquivos de Zossen, documentos dos grupos de resistência em torno do almirante Canaris, do general Oster e do jurista von Dohnanyi, iniciou-se a última etapa da vida de Bonhoeffer, que transcorreu na prisão da Prinz-Albrecht-Strasse e nos campos de concentração de Buchenwald, Schönberg e Flossenbürg. A partir daquela data acabaram todos os

contatos. A Gestapo se negava a prestar qualquer informação. Nas últimas semanas, Bonhoeffer viveu entre homens e mulheres de diversas nações: russos, ingleses, franceses, italianos e alemães.

Payne Best, um oficial inglês, escreve em *The Venlo Incident*:¹⁵

Bonhoeffer parecia-me irradiar sempre uma atmosfera de felicidade, de alegria por cada acontecimento, por menor que fosse. Tinha profunda gratidão por ainda estar vivo... Foi uma das poucas pessoas que encontrei para quem Deus era real e sempre estava próximo...

Por causa da aproximação das tropas aliadas, os prisioneiros, apertados em caminhões movidos a gasogênio, eram levados de um campo de concentração a outro, de uma incerteza a outra.

Payne Best continua:

No domingo, 8 de abril de 1945, Bonhoeffer dirigiu um breve culto. Falou de tal maneira que nos tocou o coração. Ele encontrou as palavras certas para expressar o espírito do nosso cativo, dos pensamentos e das decisões que a prisão tinha gerado em nós. Mal terminara a última oração quando a porta foi aberta e dois homens em trajes civis entraram, ordenando: "Prisioneiro Bonhoeffer, acompanhe-nos!" Para nós, esta palavra, "acompanhar", havia assumido um único significado: "força". Dissemos adeus a ele. Chamando-me de lado, ele disse: "É o fim, mas para mim é o início da vida..."

No dia seguinte ele foi enforcado em Flossenbürg.

Isso aconteceu em uma sala de aula em Schönberg, na floresta da Bavária, a floresta descrita por Stifter, escritor que Bonhoeffer tanto apreciava. A palavra bíblica sobre a qual ele tinha acabado de falar era: ... *pelas suas pisaduras fomos sarados* (Is 53.5). As últimas pessoas que estiveram perto dele foram irmãos de nações inimigas e de diversas confissões anteriormente hostis.

Em certa ocasião, Dietrich Bonhoeffer mencionou que ele não ficaria velho. À sua geração não seria concedido amadurecer e concluir sua obra. O fim precoce, porém, revestiu seu testemunho de força inigualável. Parece que faz parte dele. Seu testemunho iniciou

vivenciando e dizendo o que significa estar com Cristo e findou para nos ensinar o que significa Cristo estar conosco.

Apenas importa que seja possível reconhecer no fragmento de nossa vida qual era seu propósito e de que material era constituído. Existem, sem dúvida, fragmentos que só pertencem ao lixo. Outros são significativos por séculos a fio, porque sua conclusão cabe ao próprio Deus. Existem fragmentos que precisam ser fragmento – isso me lembra A Arte da Fuga.¹⁶ Se nossa vida refletir, ainda que precariamente, tal fragmento, de modo que, ao menos por um breve período, os diversos temas se harmonizem, repetindo-se com intensidade crescente; se a nossa vida mantiver o grande contraponto do começo ao fim, de modo que, finalmente, possa ser entoado o coral: “Apresento-me, assim, diante do teu trono”, então, em vez de nos lamentarmos sobre nossa vida fragmentária, queremos nos alegrar com ela (Carta de 21/02/44).

⁸ Publicado como livro em alemão em 1956 pela Christian Kaiser Verlag (Munique), e em inglês em 1961 com o título *Act and Being* pela William Collins Sons & Co (Londres) e Harper & Brothers (Nova Iorque). (N. de Revisão)

⁹ *Spiritual* (também chamado de *Negro Spiritual*) é um gênero musical surgido nos Estados Unidos e inicialmente interpretado por escravos negros. Apesar da entonação religiosa o *Spiritual* dos afro-americanos tinha, principalmente, uma função política, objetivando o fim da escravidão. (N. de Revisão)

¹⁰ Canção *Spiritual* que pode ter sido escrita por Wallace Willis, índio Choctaw, em algum momento depois de 1865. (N. de Revisão)

¹¹ *Schöpfung und Fall*. Brunnen, 2016. Não há edição em português. (N. de Revisão)

¹² Movimento cristão minoritário de resistência ao Partido Nazista na Alemanha.

¹³ Sinodal, 1983. (N. de Revisão)

¹⁴ Sinodal, 2009, 9ª edição.

¹⁵ Skyhorse Publishing, 2016.

¹⁶ *A Arte da Fuga* é uma peça inacabada do compositor alemão Johann Sebastian Bach. (N. de Revisão)